

GUERRA FRIA TROPICAL

OU: A CIA NO BRASIL

OU TAMBÉM: COMO ERA GOSTOSO O MEU ESPIÃO

Rio de Janeiro, 1979. Segunda-feira, a família Hawk prepara-se para tomar o café da manhã.

Anamélia, senhora de uns quarenta anos, prepara café, leite quente e torradas quando o telefone começa a tocar. Toca duas vezes e ninguém atende. Ela grita por Rodolfo e Joseph – é Joseph, seu filho de treze anos, quem socorre. Ele atende e grita:

“Mãe, é o John, é da Califórnia!”.

Anamélia larga o leite prestes a ferver e corre:

“Meu filho, como você está? Está fazendo frio aí em São Francisco?”.

Enquanto ela conversa com seu discreto sotaque mineiro, mister Rodolfo, de prováveis cinquenta anos, aproxima-se e pergunta com seu sotaque carregado de inglês:

“Ele foi dispensado, Anamélia?”.

Ela faz sinal para ficar quieto:

“Quando você chega? Mês que vem? Que bom, meu filho! Seu pai quer saber se você foi aprovado... Deu baixa? Com louvor? Parabéns, filho! Nós todos estamos muito felizes com você!”.

Ouvindo isso, Rodolfo senta-se à mesa. Anamélia desliga o telefone, ele pergunta se o café está pronto. A esposa vai para a cozinha, sem nada dizer. Ele chama Joseph e grita por Dianne, a filha de dezoito anos. No rosto não há esboço de alegria ou felicidade – só a postura hierática e o semblante de todos os dias. Mesmo quando chega a esposa com o café, nenhum movimento de descontração ou prazer.

Joseph pergunta à mãe as novidades de John – o filho mais velho foi dispensado da marinha norte-americana, ela conta, e com menção de louvor pelos serviços prestados.

“Serviços prestados em tempo de paz?”, pergunta Rodolfo, sem um sorriso.

“Foi o que ele disse, Rodolfo”.

“Então por que foi dispensado? Por que não seguiu carreira?”.

“Ora, deixe o rapaz seguir a vida que quiser!”.

“Pai, se não tem guerra, para quê ele vai servir ao exército?”, pergunta-lhe Joseph.

“Para servir à sua pátria, Joseph”, responde Rodolfo.

“Mas, pai, ele nasceu no Brasil!”.

“E daí? Você passou sua infância no Chile. Por acaso é chileno?”.

“Sou, pai! E também sou brasileiro, pai!”.

“Não é! Você é meu filho, você é um Hawk, um americano”.

“Mamãe é brasileira”.

“... e um dia também poderá servir à sua verdadeira pátria, como seu irmão. E esse fim de mundo em que nós estamos vai fazer parte do passado”.

“Servir à pátria como? Invadindo o país dos outros, pai? Invadindo a Nicarágua, o Irã ou Cuba?”, pergunta o caçula.

“Joseph, mantenha o respeito com seu pai!... Você entenderá melhor este assunto um dia, no futuro. Os pilotos da marinha americana lutam por um ideal: levar

a democracia para todo o mundo... Anamélia, o que há com a sua filha que não se levanta a esta hora?”.

“Ela não está em casa, Rodolfo, ela dormiu na casa de uma amiga”.

“Enfim... eu tenho que ir para uma reunião”.

“Pra quê tanta reunião, meu Deus? Vocês já não vendem refrigerante no Brasil inteiro?”.

“Vamos lançar novas marcas”.

Ele está saindo de casa quando chega Dianne, que dá alô e corre para o chuveiro.

“Anamélia, essa garota parece confusa”.

“Não é nada, Rodolfo”.

“Ela não tem aula hoje? Afinal, onde ela dormiu?”.

“Na casa de uma amiga. Acho que foi a Claudinha”.

Rodolfo chega no pequeno escritório da CIA, no Centro do Rio de Janeiro. Lá ele tem pilhas de relatórios para conferir, com diversos gráficos e números sem fim – e lá pode falar em inglês com os amigos. Conversa com um subordinado, mister Douglas – já começam o dia falando mal do presidente americano, o democrata Jimmy Carter, e sua política externa. Em seguida, examinam o texto de uma confissão obtida pela polícia carioca, onde se relata novos planos de seqüestros de diplomatas estrangeiros por subversivos.

Praguejam acerca do excesso de trabalho, do relaxamento ante a ameaça comunista e também dessa mania recente de lhe cobrarem investigações sobre “direitos humanos”. Rodolfo está convicto de que é preciso encontrar figuras-chaves da subversão. “*I’m sure there’s a brain behind all these plans*”, chega a dizer.

Depois pergunta sobre os informantes estudantis – Douglas diz que o informante de uma universidade aparecerá à tarde para um breve relatório. Rodolfo recebe então um telefonema dos chefes (“*It’s them*”, diz Douglas). Após algumas breves frases em inglês (“*Yes, sir*”, “*Ok, sir*”, “*I’m sorry, sir*”), já não detém o espanto. Um arremedo de tradução da conversa que se segue:

“Onde você pensa que nós estamos? Na Disneylândia? Ok, senhor. Desculpe-me, senhor”, e logo desliga o telefone.

“E então?”, pergunta Douglas.

“Até o final do ano não teremos mais dinheiro”, responde Rodolfo.

“Nós não podemos trabalhar dessa maneira”.

“Maldito Carter”.

“Seríamos mais úteis se eles ordenassem que todos os agentes da CIA voltassem para os EUA”.

“E agora eles também querem que a gente investigue sobre os tais direitos humanos nas prisões brasileiras”.

“Ahn?!”.

Dianne chega ao set de filmagens com David, seu namorado, produtor do filme, cabelinho bem cortado, porte atlético e bigode franzino. Após bons dias a todos, ele a conduz ao camarim. Os dois aproveitam um pouco da solidão até a chegada da maquiadora. Junto com ela chega o diretor – sujeito alto de uns quarenta anos, parece um hippie desbundado, óculos fundo de garrafa – que começa a conversar com Dianne, que no set de filmagens é conhecida pelo pseudônimo de Sandra Muller. Dianne já está vestida somente com um robe. Conversam enquanto se encaminham para o cenário das filmagens:

“Sandra, essa semana sai aquela reportagem que fizeram com a gente na semana passada”, diz-lhe seu namorado. “Dentro de poucos dias, vai nascer uma estrela: Sandra Muller!”

“Eu só espero que ninguém da minha família descubra, ou Sandra Muller vai nascer e morrer no mesmo dia!”.

“Sandrinha, você terminou de ler o livro que eu te passei?”, pergunta o diretor.

“Li sim”, responde ela.

“Gostou?”.

“Gostei... Meio pesado, mas muito bonito, Marcão!”.

“Mas você entendeu por que te indiquei ele? Entendeu como é o tom da relação de vocês nesse momento do filme?”.

“Aquele coisa da Mathilde cortar o cabelo pro Julien?”.

“Claro, isso também”.

“Isso tem a ver com esse momento do roteiro em que eu corto os pentelhos para ele, não é?”.

“Sim, mas não é só isso”.

“Tem isso no filme, Marcão?”, pergunta David, divertindo-se: “Quero ver isso passar na censura!”.

“Porra, David, isso é uma atualização de uma cena do Stendhal numa história que é mistura de Pasolini com Renoir!... Mas você entendeu, Sandrinha? É aquele jogo de sedução que é para você ter nessa parte do filme... primeiro seduziu, depois fugiu dele, agora faz a surpresa... entendeu?”.

“Entendi sim, Marcão”.

“Então ok. Tudo pronto?”.

“Tudo pronto, Marcão”, responde o assistente.

“Então vamos rodar, que a gente tem que terminar essa filmagem ainda hoje. Sandrinha, você tá pronta?”.

“Quando você quiser”.

“Então vamos lá, vamos começar a rodar a cena da biblioteca”.

Sandrinha - aliás, Dianne - tira o robe. Nua, coloca-se em sua posição no cenário. Diante da câmera, está deitada num sofá, oferecendo-se para o jovem ator que interpreta seu criado e amante.

Finalzinho de tarde, mister Rodolfo recebe a visita do seu informante estudantil. Sujeito de uns trinta e cinco anos, talvez mais, não tem novidades para relatar no momento, mas parece convicto de que algo está sendo tramado:

“Eles estão pensando numa história de publicação de jornal na universidade. Aí com certeza os subversivos vão ter que mostrar o rosto”.

“E isso é para agora?”.

“Estão planejando, eu estou acompanhando as reuniões”.

“Você já tem os nomes?”.

“Não, acho que eles estão tomando cuidados para não serem percebidos. Mas acredito que nos próximos meses tudo vai ficar mais claro”.

“Espero que não haja suspeita sobre você”.

“Fique tranquilo. Todo mundo por lá acredita na história de que é meu pai que ainda paga a faculdade para eu não ser um desocupado”.

Depois do expediente, Rodolfo vai para uma boate e whiskeria – mais uma noite embriagando-se.

Já em casa, mais algumas doses de Jack Daniel’s ouvindo a banda de Tommy Dorsey com Frank Sinatra, janelas fechadas. Rodolfo está absorto enquanto Anamélia insiste em lhe falar algo.

“OuvIU, Rodolfo? Eles já cresceram, a gente não tem como controlar. Você está me escutando?”.

“Anamélia, onde está Dianne?”.

“Deve estar no teatro, Rodolfo”.

“Ela tem que sair desse teatro. Vou mandá-la no final do ano para ir morar com seus avós em Abilene, não é melhor?”.

“Não sei, Rodolfo, não sei o que ela vai querer”.

“Não tem que querer, é melhor para ela. Se insiste em ser atriz, que seja de verdade, não nesse paisinho... O que houve com o jantar, afinal?”.

“Está quase pronto, a aula do coral de hoje atrasou... Rodolfo, deixe eu abrir essa janela, está muito abafado”.

“Não, Anamélia!”.

A janela está aberta antes que ele tenha tempo de reagir. Sinatra é abafado por um samba em volume altíssimo e um forte odor de maconha queimada empestia o ambiente. O vizinho de baixo, um cabeludo que sempre encontra com Rodolfo no

corredor, está novamente fazendo uso de drogas ilegais e incomodando os vizinhos com o volume da música que ouve. Rodolfo solta um palavrão grotesco em inglês antes de Anamélia fechar novamente a janela. No entanto, o som do samba que antes era abafado (um disco de Jorge Ben, o de 1972) persiste, não permitindo que o Sinatra de *“Everything Happens to Me”* se imponha inteiramente no ambiente. Rodolfo aumenta o volume – mas continua ouvindo, baixinho, o som do Ben.

“Um dia eu vou denunciar esse hippie maconheiro!”.

“Para quê isso, Rodolfo? É só fechar as janelas”.

“Dá vontade mesmo de...”.

“Mas você é bom”.

“Algum cidadão sério deveria denunciar”.

“Nós somos cidadãos sérios. Deixe essa juventude em paz”.

“Você não entende, Anamélia”.

As filmagens duram o dia inteiro e parte da noite. Após rodar a cena final, uma suruba entre o mendigo vingador e as outras personagens do filme, a equipe comemora o final do trabalho. Mais tarde Dianne vai para casa, já em plena madrugada.

Dia seguinte, mesma coisa. Anamélia preparando o café, toca o telefone e Joseph grita:

“Mãe, é o John, da Califórnia”.

“Meu Deus, agora ele liga todo dia!”.

Ela corre, enquanto Rodolfo já se senta para o café da manhã.

“Você já sabe a data da sua viagem de volta, meu filho? Dia 23? Ah, que maravilha!”.

Ele grita por Joseph e Dianne. Quando Anamélia sai do telefone o marido pergunta:

“Anamélia, essa garota não dormiu em casa de novo?”.

“Dormiu, Rodolfo. Ela ainda não se levantou, só isso”.

“Acorde ela, por favor”.

“Deixe ela. Você não notou, mas eu acordei quando ela chegou. Era bem tarde”, diz voltando à cozinha.

“O que essa garota tanto faz?”.

“Sua filha está fazendo teatro, não lembra? Ela me contou outro dia que achava que seria convidada para um filme”.

“Um filme brasileiro? Anamélia, se nossa filha quer ser atriz, nós temos que tirar ela daqui... Para que ela possa ter pelo menos a chance de uma carreira digna”.

Joseph sai do quarto – ao vê-lo o pai arregala os olhos, lívido. Na camisa de escola do garoto, um rosto pintado: o célebre retrato de Che Guevara. Rodolfo balbucia um palavrão em inglês:

“What the fuck is going on here?”.

“É um protesto, pai”.

“Ahn?”.

“É, pai. A gente quer mudar o uniforme do colégio. Na verdade a gente quer poder ir pra escola sem uniforme, que nem o pessoal do segundo grau”.

“Anamélia! Seu filho está com uma fantasia de comunista!”.

“Que há, Rodolfo? Pare de implicar com o garoto, ele nem sabe o que é comunismo!”, responde ela da cozinha.

“Claro que sei, mãe!”.

“José, tire a fantasia para não chatear seu pai!”.

“Não é fantasia, mãe! Eu desenhei no uniforme do colégio!”.

Ela chega à sala e assusta-se com o que vê. Rodolfo mantém-se estático, carrancudo.

“No uniforme do colégio? Meu filho! Assim não vão te deixar assistir às aulas”.

“Anamélia, esse retrato é de um comunista”.

“José, meu filho, tire essa camisa, você está chateando seu pai”.

“Pode deixar, mãe. A escola já sabe que os alunos vão fazer um protesto e autorizou por um dia. E eu sei o que é comunismo sim, o professor de história já explicou pra gente. É o regime econômico em que não existe propriedade privada”.

“Anamélia, o que está havendo com esse colégio de padres? Que bagunça é essa? Você não deveria ter matriculado as crianças numa escola religiosa um pouco mais séria que esta?”.

“Deixe disso, Rodolfo, é apenas a educação moderna, todas as escolas são assim agora. José, vá trocar a camisa”.

“Mas mãe!”.

“Imediatamente!”.

O garoto vai resmungando para o quarto.

“Pronto, Rodolfo, agora você pode ficar tranquilo”.

“Meu filho usa uma camisa com um desenho de um guerrilheiro subversivo e você me diz para ficar tranquilo?”.

“Rodolfo, você não está atrasado? Você está sempre atrasado, não é?”.

Um pouco constrangido, sai de casa.

“José!”, grita ela em seguida, “se você não tiver outra camisa limpa, pode ir com essa mesmo!”.

Rodolfo passa o dia examinando documentos, preocupado com as investigações da polícia carioca sobre os tais planos de seqüestro. Vê uma série de fotos de gente morta (guerrilheiros ou talvez não), mapas, documentos e afins. Às vezes amaldiçoa o presidente norte-americano. No final da tarde, seu informante da véspera telefona-lhe – de um orelhão dentro da PUC-Rio.

“Oi mãe, sou eu!”, diz o informante.

“Agente Donan, por quê ligar somente a esta hora?”.

“Desculpa mãe! Eu tava numa reunião com o pessoal do diretório... a gente vai botar pra quebrar, mãe! Não posso te contar mais agora, mas tem um pessoal novo

aqui que vai arrebentar! Mas não se preocupa não, que eu só estou dando apoio a eles!”.

“Não há nada de concreto ainda? Você já sabe o nome dos novos líderes?”.

“Isso a gente ainda tá decidindo, mãe. Depois eu te conto mais”.

Alguns colegas começam a chamar o agente para uma partida de futebol no campinho.

“Mãe, eu tenho que ir! A gente vai ter uma reunião agora e eu quero estar presente. Mas pode deixar que eu estou estudando sim, e no ano que vem eu me formo!”.

“Quando você nos dará novas notícias, agente?”.

“No fim de semana eu passo aí, mãe! Um beijo!”.

Depois de desligar, o agente Donan vai para o futebol no campinho.

“Que história é essa de reunião do diretório, bicho?”.

“Melhor dizer isso que dizer que vou pra uma pelada. Até porque se eu disser que levei bomba nessas matérias todas por causa de política eles respeitam, não pega tão mal. Tem a ver com ciências sociais, não é?”.

“Nego é foda”.

Do outro lado da cidade, Rodolfo em silêncio – chega o assistente:

“E então?”.

“Fuckin’ Carter”.

Ao final do expediente, vão os dois à mesma boate e whiskeria – horas e horas bebendo.

Na volta para casa, ainda na entrada da garagem, o carro de Rodolfo é abordado pelos amigos do filho:

“Seu Rodolfo, o Zé tá em casa?”, “Chama o Zé pra gente, por favor?”.

“Joseph, ele se chama Joseph”, resmunga mais uma vez – a carranca de sempre.

E, quando enfim está chegando no apartamento, tem a vizinhança do cabeludo, com o odor de maconha de sempre e outra música com volume às alturas – é um disco dos Mutantes, “*No País do Baurets*”.

Um mês depois, John chega no aeroporto – lá estão seus pais e seu irmão caçula para recebê-lo. Sujeito alto, chega vestido com o uniforme da marinha americana. Procura os pais com os olhos e acena para eles antes de ir pegar as malas, o que faz de forma calma e gentil, sorridente com os colegas de viagem. Sua mãe faz muitos carinhos – e é comum para todos que o pai não sorria. Trazendo na mala chicletes para Joseph, ele só encontra com Dianne quando chega em casa. Abraçam-se com carinho – ela comenta como ele está bonito e parece feliz, mas nota alguns trejeitos delicados do irmão e não evita a observação:

“Você parece estar bem diferente”

John sorri.

Joseph chega em casa já de noite – com o joelho machucado da partida de futebol jogada em quadra de cimento com os colegas. Rodolfo chega, o filho está deitado preguiçosamente no sofá, na televisão desenhos animados. Notando o machucado, manda o garoto lavar-se. Ao fundo, o vizinho hippie ouvindo um rock – talvez seja um disco de Hendrix. Corre para fechar a janela com força.

“Onde está sua mãe?”.

“Ainda está no coral, pai”.

“Na igreja até essa hora?”.

“Ela avisou que tinha que fazer um trabalho com o diretor do coro”.

“E seu irmão? Onde está?”.

“Acho que ele está lá embaixo, ele tinha descido pra conversar com o Pedrão, lá da portaria”.

“Dianne não apareceu?”.

“Não, pai”.

“Você lavou bem seu joelho? Como você se machucou?”.

“Jogando futebol com o pessoal”.

“Não acho bom que você jogue mais”.

“Por quê?!”.
“Você pode se machucar”

“Mas não tem problema!”.

“Não, eu não quero isso”.

“Eu vou continuar jogando!”

“Está proibido. Além disso, esse jogo é ridículo”.

O caçula, em tom choroso: “Ridículo é você!”, antes de sair correndo.

“Joseph!”.

E sai batendo com força a porta dos fundos. Rodolfo serve-se de um Jack Daniels e ouve um disco de Benny Goodman enquanto lê relatórios e descrições dos perfis de terroristas diversos – mas, durante o trabalho, ao fundo ainda escuta o som de seu vizinho tocando um disco de samba. A música entra baixinho pela janela, enervando-o, mesmo depois dele levantar-se da cadeira para fechar os vidros. Na janela, vê a esposa entrando no prédio.

“Anamélia...”.

“Você chegou cedo hoje, Rodolfo... está com fome? Quer que sirva o jantar logo?”.

“Onde estão as crianças, Anamélia?”.

“As crianças não são mais crianças, Rodolfo. E eu acabei de entrar em casa, você viu”.

Mais uma dose dupla de Jack Daniels.

“John não estava lá embaixo, Anamélia?”.

“Não vi”.

“Não viu Joseph?”.

“Não”.

“E Dianne?”.

“Também não”.

“Ela vai dormir em casa hoje?”.

“Mas o que há com você, Rodolfo?... Por quê essa preocupação toda agora?”.

“Anamélia, eu creio que nós iremos nos mudar em breve”.

“Como assim?”.

“Será preciso”.

“Para onde?”.

“Não sei. Não sei para que país a empresa irá nos enviar... Mas, Anamélia...”.

“Como assim não sabe? Você quer que nós nos mudemos e nem sabe para onde vão nos mandar?”.

“Anamélia...”.

“Eu acho errado. As crianças não vão gostar de sair do Rio”.

“Anamélia, me escute, por favor. Eu não sei onde serei necessário para que a empresa possa vender mais refrigerantes, mas não sou mais necessário no Brasil”.

“Rodolfo, por favor”.

“Me escute, Anamélia. Eu acho melhor que as crianças passem uma temporada longe de nós”.

“Como assim?!”.
“Eu acho que é melhor para elas, é melhor para a educação delas, que passem estes anos da juventude com a avó, em Abilene”.

“Você está louco?”.

“Anamélia, fique quieta”.

“Ficar quieta? Você quer mandar meus filhos para longe de mim, quer que eu saia do meu país e ainda quer que eu fique quieta? O que mais que você quer? Você bebeu demais, é?”.

“Anamélia...”.

“E não me venha com essa história de refrigerantes, seu mentiroso”.

Ele fica ligeiramente pálido.

“Do que você está falando?”.

“Você acha que eu acredito que você quer se mudar só porque essa maldita empresa quer vender refrigerantes em outro lugar?”.

“Eu não minto, Anamélia”.

“Ora, Rodolfo, por favor... E não me fale em refrigerantes porque eu não acredito nessa sua história. Eu moro com você, não se lembra disso?”.

“Como assim? Do que você está falando? Me diga!”.

“Eu não sei de nada, Rodolfo... mas eu sei que é mentira, não tente me enganar mais do que você já engana”.

“Você não sabe de nada, Anamélia”.

“Você é que não sabe de nada, Rodolfo”.

Ao som de uma chave na porta, tentam encerrar a discussão:

”Eu posso não saber das coisas, mas vou criar uma tremenda confusão se você insistir nessa idéia. Nem tente”.

“Anamélia, nunca faça isso. Você não tem idéia”.

“Você é que não tem idéia, Rodolfo”.

John entra em casa – e a mãe chama-o para ajudar a esquentar a comida e servir a mesa.

Mais à noite, Dianne vai com David assistir à primeira exibição de “Só por amor”. A pré-estréia é numa pequena sala de exibição, dentro da empresa de laboratório, onde mal cabem os principais membros da equipe.

Dia seguinte, o filme estréia em várias salas grandes do subúrbio e ganha boas críticas nos jornais, para alegria do diretor e surpresa de David:

“Pornochanchada com boas críticas... Será que agora vai dar cano?”.

Além de boa bilheteria, o filme ganha logo na primeira semana uma bela capa da revista Filme Cultura, com uma linda foto de perfil de Dianne – aliás, Sandra Müller – em pé, sorridente, abrindo para os olhos do galã boquiaberto o roupão que ela veste.

Depois de mais um dia de trabalho, Rodolfo passa na banca de jornais da Avenida Rio Branco, a caminho da boate e whiskeria. Dá uma olhada nos diários americanos. Espremido entre outros fregueses, distrai-se vendo capas de revistas e semanários – e os olhos terminam por esbarrar num rosto conhecido. Franze mais a testa e pega o exemplar da revista com a foto de Dianne – ou Sandra Müller, como está escrito na capa. Compra o exemplar, dá meia-volta e segue até seu carro.

Em casa, chama por Anamélia. Ninguém no lar. Serve-se de uma dose de Jack Daniels e senta-se na poltrona. Em silêncio por alguns minutos, saboreando a bebida, ouve quieto o vizinho escutando um disco de Jards Macalé (*“Let’s play that”*), até que chega a esposa.

“Anamélia, você sabe me explicar o que está acontecendo aqui?”.

“O que houve, Rodolfo? Não está acontecendo nada de errado!”.

“Onde você estava?”.

“Na igreja, Rodolfo”.

“No coral da igreja?”.

“O que tem o coral da igreja, Rodolfo?”.

“Anamélia, você sabe onde está Dianne?”.

“Dianne? Não, não sei... Mas o que a Dianne tem a ver com isso?”.

“Isso o quê, Anamélia?”.

“Nada, Rodolfo. O que tem Dianne de errado?”.

“Olhe isso”, entregando-lhe a revista com a foto da filha.

“O que é isso, Rodolfo? Nossa filha virou capa de revista?”.

“Nossa filha parece ter virado uma prostituta, se você não percebeu, Anamélia”.

“Ora Rodolfo... Mas, é isso? Os tempos mudaram... Isso é arte, meu velho”.

“Você sabia, Anamélia? Ela pediu a sua autorização?”.

“Não, nunca soube. Soube apenas agora”.

“Então isso não pode ficar assim. Onde está essa garota? Nós vamos mandá-la para Abilene agora mesmo!”.

“Ah, não vamos não!”.

“Vamos sim! Eu vou mandá-la para os USA. Minha filha não vai ser mais uma *brazilian whore*!”.

“Eu não vou deixar!”.

“Anamélia!”.

É interrompido pelo barulho de uma chave na porta de casa. É Dianne quem entra. O pai avança na direção dela enquanto começa a falar, segurando-lhe pelo braço e em seguida puxando os cabelos.

“Dianne! Agora você vai aprender!”.

Diante dos gritos da filha, saca a revista e esfrega no rosto dela – Anamélia tenta contê-lo, também gritando.

“*What the fuck is this?!*”.

“Pára, pai! Pára, me larga!”.

“Sua vagabunda! Prostituta!” .

Esbofeteia a filha – em seguida atira a garota no chão. Ela arrasta-se até um canto, onde chora, acolhida por Anamélia.

“Você vai morar nos Estados Unidos, Dianne... Vai morar com sua avó”.

“Não vou! Eu não vou morar no fim de mundo do Texas! A vida é minha! Eu vou fazer o que eu quiser da minha vida, e vou morar aqui no Rio!”.

“Então você quer ser outra putinha brasileira?”.

“Vai à merda!”.

Avança na filha – Anamélia põe-se no caminho.

“Chega, Rodolfo”.

“Saia da minha frente, Anamélia!”.

“Saia você, Rodolfo”.

“Saia!”.

“Saia você!... Eu quero me separar e morar aqui com as crianças”.

“Como assim, Anamélia? Você vai defender essa putaria?”, levantando o braço para as duas.

“Não use este linguajar aqui, por favor. Nós não lhe pertencemos, você não quer mais esta família e nós também não queremos mais você”.

“Anamélia, você é minha mulher!”.

“Eu não sou mais sua mulher, Rodolfo”.

“Como assim? Você enlouqueceu?”.

“Você sabe muito bem. Não sou mais fisicamente sua há anos, e não quero mais ser de maneira nenhuma. Vá embora do país sozinho, eu não quero mais ficar com você”.

“Eu não permito!”.

“Já é tarde, Rodolfo”.

“Você deve me obedecer, Anamélia. Nós somos casados, você tem um compromisso comigo”.

“Esse compromisso já foi perdido, Rodolfo. Já não preciso de você para ter amor. Se precisasse, nunca teria tido”.

“Anamélia...”.

“Você nunca se interessou pelo que eu faço, não é?”.

“Você tem outro?”.

Anamélia apenas olha, em silêncio.

“Foi naquele coral de igreja? Aquele sujeito que ligava para cá... aquele que tem voz de mulher?... o tal diretor do coral?”.

Ela nem pisca. Ele parte na direção da mulher:

“*Bitch!*”, num murmúrio.

A mão sobe para esbofetear, mas ela é mais rápida e acerta-lhe antes um tapa no rosto. Um instante aturdido, e novamente ele levanta a mão - a filha grita, Anamélia silencia e a mão pára no ar – solta, sem saber se esconder. Dá meia-volta - um vaso é estilhaçado com força no chão, a caminho da porta de casa. Ele sai, ficam as duas a sós – e Dianne chora convulsivamente, acolhida no colo da mãe.

Na portaria, Rodolfo encontra seu caçula.

“Joseph, não suba agora”.

“Que foi, pai?”.

“Não houve nada, apenas queria que você viesse comigo. Vamos fazer alguma coisa juntos agora... Quer ir ao cinema?”.

“Tá bom. Mas a gente não tem que ver o horário dos filmes?”.

“Não precisa, vamos logo para não ficar muito tarde”.

A turma do prédio se despede chamando o garoto de Zé, como de hábito. Já no carro, a caminho do cinema:

“Joseph, você gosta disso?”.

“De quê, pai?”.

“Desse apelido, de te chamarem de ‘Zê’”.

“Ah, pai, apelido não é pra gostar”.

“Mas por que você não pede para pararem? Você não se incomoda?”.

“Não me incomoda não”.

O filme é *O Império Contra-ataca*. Saem da sessão lembrando dos momentos mais interessantes, rindo de algumas piadas. Vão comer pizza num restaurante próximo.

“É bom que estejam fazendo filmes assim, para todas as pessoas”.

“E é um filme inteligente, não é, pai?”.

“É sim. Inteligente e simples. A grande inteligência está em ser simples, Joseph”.

“Eu não entendo por que você implicou tanto com a minha camisa aquela vez”.

“Não vamos falar disso, filho”.

“Mas é verdade. A história do filme é igual à história do Che”.

“Deixe de falar bobagem, garoto!”.

“Mas o treinamento do Luke não é para aprender a usar a força, como um guerrilheiro, pai?”.

“Bobagem”.

“E o império, não é o imperialismo?”.

“Rapaz, os heróis do filme lutam pela liberdade! Isso não tem nada a ver com terroristas!”.

“Mas que terrorismo, pai? Os guerrilheiros da América Latina lutam pela liberdade para seus povos! Que nem os heróis do filme!”.

“Deixe de falar besteira!”.

“É verdade, eles lutam contra a miséria e a injustiça! Lutam contra a dominação das elites!”.

“Garoto, esse filme tem uma bilheteria de milhões de dólares! Pare de falar essas imbecilidades socialistas! Você acha que essa porcaria de filme defende uma ‘revolução’? *I don’t believe it...* Você perdeu a razão, por acaso?”.

“Não sei, pai, eu tenho que estudar pra saber. Mas eu sou contra a miséria e a injustiça. E você também é, não é? O povo precisa se unir para lutar por melhores condições de vida, você não acha, pai?”.

“*Holy shit... a commie*”.

Em casa, mais de meia-noite, Joseph vai para a cama. As portas dos quartos estão fechadas – e Rodolfo não se arrisca a conferir. Uma dose dupla de Jack Daniels, escutando Sonny Stitt numa versão bebop de “*Everything happens to me*”.

Depois de algumas doses, ele vê pela janela o carro da esposa chegando na entrada da garagem. Do banco do carona salta o mais jovem dos porteiros, que abre e fecha o portão para a passagem do carro – depois vai atrás dele.

Minutos se passam, e Rodolfo resolve descer à garagem. Chegando lá, ouve ruídos, uma movimentação dentro do carro. Ainda distante, vê apenas o porteiro no interior, sentado no banco do carona. Aproximando-se um pouco mais, há mais alguém com a cabeça abaixada – é John que está com o porteiro dentro do carro. Chegando em frente aos dois, Rodolfo permanece alguns segundos observando a cena de amor, sem reação – até que é visto pelo porteiro, que cutuca John para avisá-lo e depois procura se cobrir. Sem encarar o pai, John sai do carro. A discussão prestes a começar, o porteiro afasta-se.

“Damn you... Isso é uma maldição... só pode ser”.

“Pai...”.

“What the fuck is going wrong here?”, grita Rodolfo.

“Pai, calma”.

“Calma? Você está ficando maluco? Que merda é essa?”.

“Pai, deixa eu te explicar”.

“Você não vai explicar coisa nenhuma, seu moleque! Foi por isso que você foi expulso do exército, foi? Foi por ter virado... uma bicha?!”.

Um instante de silêncio – e John murmura:

“Pai, me respeite!”.

“Respeito? Você que mantenha o respeito!... Eu vou te tirar daqui!”.

“Como assim?”.

“Eu vou tirar todos vocês desse país de merda! Eu vou te botar num lugar onde você aprenda a ser homem de verdade, e não essa bichinha brasileira que você virou!”.

”Eu vou ser o que eu quiser!”, responde John, já gritando com o pai.

“Não, você vai ser do jeito certo! Não vai ser um viadinho brasileiro de merda! Isso não vai acontecer com um Hawk! Eu não vou deixar!”.

“Fuck you! Fuck you!”.

Parte para cima do filho. Dá-lhe uns tapas, John procura se defender.

“Pára, pai! Pára... por favor!”.

Depois de dois safanões e se livrar de outros tantos, John empurra o pai para longe, contra a parede.

“*Fuck you!*”.

Rodolfo levanta-se – alguns instantes em silêncio, olhando o filho. Em seguida, entra em seu carro e vai embora – deixando John sozinho.

Vai em direção ao centro – entra noutra boate. Embebeda-se a não mais poder. No final da madrugada, a casa já fechando, arruma briga com outro freguês e os seguranças tentam expulsá-lo. Na hora de pagar a conta, não tem dinheiro suficiente, atrapalha-se em escrever o cheque. Depois de, enfim, conseguir desenhar o valor e a assinatura razoavelmente, a caminho da saída ele acerta um forte murro no nariz do segurança que tentou expulsá-lo. Os colegas partem para cima – mesmo bêbado, consegue se defender bem por instantes, chega a desacordar um deles e quebrar o braço de um terceiro. Depois de uma marretada na cabeça ele desfalece, recebendo o troco dos golpes. Chutes, alguns no rosto, outros no estômago, mais outros no saco. Cuspindo bastante sangue, dentes quebrados, ele tem o corpanzil carregado e atirado na calçada pelos espancadores.

Fica desmaiado na rua por instantes, o sol começa a nascer – pouco a pouco mudam os habitantes das ruas. Um grupo de travestis passa por ele – que, grunhindo palavrões em inglês, tenta ficar de pé:

“Gente, olha só que coisa! Um gato desses abandonado no meio da rua!”.

“Vamos embora, Sueli!”.

O travesti aproxima-se e tenta ajudar Rodolfo a se levantar – ao sentir duas mãos o pegando, este retruca com um pontapé. O travesti, chocado com a reação, chama-o de boçal e acerta outro chute, de troco – Rodolfo volta a cair de cara no chão. Começa a grunhir, choroso. O travesti senta-se do lado dele. É moreno, forte, com uma peruca loura.

“Quê que você tem pra estar de mal com o mundo, hein?”.

“*Fuck you*”.

“Você é gringo, é? Eu logo vi... Um homem alto e bonito assim, não podia ser brasileiro. E quê que você fez de errado pra vir parar nesse fim de mundo, hein?”.

“Eu quero ir embora daqui”.

“Quer ir embora do Brasil? Ah, me leva com você!”, diz o travesti, rindo: “Por quê é que quer ir embora agora? Está com saudade da mamãe?”.

Ri secamente.

“Gente, olha, ele ri! Sorri pra mim, vai, sorri pra mim”.

Sorriso forçado.

“Isso! Tá vendo como é fácil? Sorri pra sua Marilyn, vai”.

“Ahn? Você se chama Marilyn?”.

“Isso! Eu sou a sua Marilyn, meu amor!”.

Rodolfo dá uma risada, cheio de deboche.

“Rapaz... Você pode ser bonitão, pode ser gringo, mas não tá parecendo que tá com essa bola toda não, viu? Vai gozar com a cara da sua mamãe, vai!”.

“Me deixa em paz, seu viado! Esse país é uma merda mesmo”.

“Ih, virou fera! Tá com saudade da mamãe mesmo, é? Eu tou querendo te ajudar, meu amor. Alguém fez isso por você hoje?”.

“Desculpe”.

“Imagina, desculpe ter falado da sua mãe... Você não vê ela há muito tempo?”.

“Minha mãe? Não vejo ela desde o fim da Guerra da Coréia... há quase vinte anos”.

“Brigaram, é?”.

“Não, nunca! É que meu trabalho... Mas eu nunca briguei com ela, nunca”.

“Ih, mais um filhinho da mamãe que aparece na minha vida”.

“Você alguma vez já ouviu falar na Grande Depressão? No *big crash* da Bolsa?”.

“Meu amor, eu sei de tudo!”.

Uma risada e continua:

“Eu nasci nessa época... Ela cuidou de mim e dos meus irmãos sozinha... eu fui convocado para a Guerra Mundial...e ela ficou só com meus dois irmãos... era uma época terrível”.

“Meu deus, vim ajudar o homem e ele começa a chorar lembrando da mãe. Só eu mesmo pra querer ajudar bêbado no chão... Vai, pára de chorar, anda! Pára de chorar, menino!”.

“...Você pode me ajudar a me levantar daqui?”.

“É o que eu estou tentando fazer desde que eu cheguei... Levanta, vai!.. vou te botar num táxi”.

“Eu não tenho dinheiro... mas estou de carro”.

Tenta levantar-se com a ajuda do travesti – não consegue.

“Meu amor, você não tem condições de dirigir não”.

“Tenho sim... venha cá, me ajude... vamos!”.

Tenta novamente ficar de pé. Abraçado a Marilyn, dá alguns passos – e tomba, carregando o travesti consigo para o chão.

“Menino, assim você me machuca!”.

Os dois na calçada, Rodolfo fica ligeiramente apoiado no colo de Marilyn.

“Mas olha como você tá machucado... te maltrataram mesmo, hein?... Você riu do meu nome, mas não disse como se chama”.

“Me chamo Rodolfo”.

“Meu deus, um gringo chamado Rodolfo! Como foi que isso te aconteceu, hein?”.

“Minha mãe... ela era apaixonada pelo Rodolfo Valentino”.

“Ih, lá vem você com essa mãe de novo”.

Marilyn fala passando a mão no corpo ferido de Rodolfo. Começa a tocar na feridas da face e aproxima seu rosto.

“Gente, que maldade”.

“Já me feri mais quando servia ao exército”.

“E a vida no exército? Era boa?”.

“Não era fácil, mas servi ao meu país em duas guerras militares... fora as outras”.

“É? E com seu colegas, você tinha boa convivência?”.

Passa os dedos nos lábios de Rodolfo.

“Tinha”.

O travesti beija Rodolfo.

“Você é um gato, sabia?”.

Beijam-se novamente.

“Vem, vamos tentar levantar de novo... Vem cá, você não relaxa nunca, é?”.

Dia seguinte, acorda num quarto quase miserável abraçado a Marilyn, que agora está sem a peruca loura. Toma um susto ao se localizar – e imediatamente levanta-se da cama. Passa a mão pelo corpo e sente os sinais da transa com o travesti. Olha para o mulato de cabelos curtos por alguns segundos – em seguida veste-se com rapidez. Quando abre a porta do quarto, deixando a luz entrar, Marilyn abre os olhos:

“Onde você vai?”

“Me desculpe”

E sai.

Depois de estacionar o carro, na portaria do prédio, vê os porteiros conversando - num canto, Pedrão – e desvia o olhar. Leva um esbarrão e sente o forte odor de maconha: é o vizinho cabeludo, de chinelos. Depois do encontrão, o jovem vai saindo do prédio – Rodolfo observa-o por alguns instantes. Em seguida, dirige-se ao apartamento do rapaz.

Lá, acha um bocado de maconha no congelador. Começa a remexer em várias gavetas. Depois de revirar algumas, já se encaminhando para a saída, ainda tem um pequeno armarinho trancado – ele arromba. Em suas gavetas, encontra fotos,

desenhos, gráficos e documentos – em castelhano, russo, francês e possivelmente outras línguas, além de jornais cubanos, argentinos, chilenos e soviéticos – só subversão. Encontra uma agenda com planos, datas e contatos, encontra telegramas e uma lista de atividades rotineiras dos diversos diplomatas em atividade no Brasil. Lê por instantes um telegrama da embaixada cubana - e em seguida enfia alguns documentos no bolso. Sai do apartamento e esconde-se no corredor, em silêncio por alguns minutos. Depois, desce à portaria.

Depois de esperar uma hora na portaria, Rodolfo esconde-se por um instante quando vê o cabeludo chegar. Dá um bote e imobiliza o rapaz:

“Não se mova! Você está preso por atividade subversiva!”.

“O que é isso?”.

“João Lucas, Ricardo Caeiro, Emílio Gomes, não importa seu verdadeiro nome, você está preso”.

“Me solta, gringo filho da puta!”.

Dá uma cabeçada no hippie – que, tonto, é arrastado até o carro. Ainda protesta:

“Você tá maluco!”.

Mas um soco e mais outro encerram a discussão.

O cabeludo acorda sendo arrastado para fora do carro, na porta da delegacia. O berro ecoa com o sotaque de sempre:

“Eu preciso falar com o delegado!”.

“Me larga, seu gringo viado! Você tá maluco, filho da puta!”.

Dá um murro no cabeludo. Chega o delegado.

“Prezado senhor, este homem deve ser preso. Ele se chama Paulo Martins e é o cérebro de uma organização terrorista”.

“É o quê? Subversão?”.

“Sim, senhor, este rapaz é um terrorista político, um comunista subversivo”.

“Tá bem. Ô Rogério, anota aí a queixa e libera o rapaz, tá certo?”.

“Libera o rapaz? Meu amigo, este rapaz é um terrorista perigoso, ele precisa ficar preso!”.

“Meu amigo, o senhor não lê jornal não?... Olha, agradeço muito a sua boa vontade em ajudar o país, mas hoje mesmo o presidente Figueiredo assinou a anistia política, tá sabendo? Desde hoje, vinte e oito de agosto, eu não posso botar um subversivo na cadeia nem que eu queira, você tá me entendendo? Então me deixe em paz, por favor! Muito obrigado, e tenha um bom dia!”.

“Anistia?”.

“Ampla, geral e irrestrita, meu amigo! Ampla, geral e irrestrita!”.

Rodolfo parte com ferocidade para cima do cabeludo. Acerta-lhe um soco e um chute – é contido pelos policiais do distrito. O delegado ameaça autuá-lo e manda que seus subordinados atirem-no para fora da delegacia - também manda embora o cabeludo.

Deitado novamente na calçada, Rodolfo não contém mais o choro.

Três meses depois, Rodolfo carrega as malas para a porta do apartamento. Gentil, dá um beijo no rosto de Anamélia.

“Sempre que precisar de algo, me avise”.

“Não se preocupe, Rodolfo”.

Depois abraça John, beija o rosto de Dianne e dá um abraço em Joseph. O caçula beija o pai no rosto e abraça-o:

“Eu vou te visitar, pai!”.

Rodolfo toma o táxi e segue em direção ao Centro. Pára na Lapa e encontra Marilyn – que o aguarda com as malas já na rua. Um beijinho para se cumprimentar – e seguem para o aeroporto comentando amenidades sobre as despedidas.

No Galeão, Marilyn pergunta se fez errado em ter ido a caráter, com peruca loura e tudo.

“Não se preocupe com isso”.

Rodolfo leva o travesti por um caminho diferente, apresenta alguns documentos, conversa com pessoas – e logo o casal é levado ao avião, antes que todos os outros passageiros possam entrar a bordo.

Esperando os demais passageiros, os dois já com a poltrona reclinada, Marilyn não resiste:

“Menino, você é importante mesmo, hein? Puxa vida, a gente entrou antes de todo mundo. Estamos com tudo! Mas, meu amor, por que você está me olhando com essa cara? Você tem que ser sério assim sempre?”.

“Marilyn, nós nos conhecemos há pouco tempo... Mas eu aprendi que errei muito, e não quero começar uma nova relação baseada em mentiras”.

“Que coisa horrorosa, meu filho! Diz pra mim o que você quer dizer, vai”.

“Marilyn, ninguém pode saber disso... você é a primeira pessoa a quem vou contar, em toda a minha vida”.

“O que foi, meu amor?”.

“Eu sou um agente secreto. Eu trabalho para a CIA”.

O travesti olha para ele, incrédulo.

“Sério?!”.
Rodolfo confirma.

“Ah, meu amor... não se preocupe com essas bobagens”, diz Marilyn, beijando-lhe o rosto, antes de completar:

“Ninguém é perfeito”.

Em seguida a um beijo carinhoso perto da orelha, o travesti se recosta na cadeira – prepara-se para dormir. Rodolfo observa, depois se recosta também – fecha os olhos e, enfim, sorri.